



## **Cidade e Imprensa Pelas Folhas do *Correio da Noroeste*, 1930-1935<sup>1</sup>**

Felipe Simões Carneiro de CASTRO<sup>2</sup>  
Célio José LOSNAK<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista – UNESP

### **Resumo**

Este projeto de pesquisa tem por finalidade fazer uma análise do jornal *Correio da Noroeste*. Os cinco primeiros anos desse jornal (1930-35) de grande circulação em Bauru serão abordados através das questões urbanas, da sociedade local e da relação com as tendências jornalísticas do início do século XX. Sua importância consiste na explicitação da relação existente entre jornalismo e sociedade local, permitindo delinear os diversos posicionamentos políticos do jornal, bem como diante das transformações que ocorreram na cidade em que o diário circulava.

### **Palavras-chave**

Cidade; imprensa; jornalismo no interior; política.

### **Histórico de Bauru**

Em 1896, é oficialmente fundado o município de Bauru, entretanto até 1905 a cidade era apenas um local de passagem conhecido por ter bons pontos de abastecimento, principalmente para viajantes que percorriam o trajeto entre Botucatu e o extremo Oeste, denominado sertão desconhecido (Losnak, 2004 p.55).

Um momento importante para a cidade foi o ano de 1904, quando decidiram que Bauru seria o ponto de partida para os trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil com destino ao estado do Mato Grosso até a divisa com a Bolívia. No ano seguinte, iniciaram as obras e, em 1910, a linha atinge as barrancas do Rio Paraná. Também em 1905, a Estrada de Ferro Sorocabana chega ao município, vindo de Sorocaba e, na década seguinte, o processo “fortaleceu a cidade como ponto de conexão e de chegada de milhares de passageiros” e começou a afastar a imagem que o local possuía de sertão, ou seja, de cidade carente de modernização (Losnak, 2004, p.62). Segundo Love, não só a região da alta paulista enriqueceu, mas sim todo o Estado de São Paulo. Segundo o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de graduação 7º semestre do curso de Jornalismo UNESP, Bauru, email [felipe\\_castro88@hotmail.com](mailto:felipe_castro88@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de jornalismo UNESP, Bauru email [losnak.blv@terra.com.br](mailto:losnak.blv@terra.com.br)



autor, “nas duas décadas que se seguiram a abertura das zonas pioneiras do café pela Estrada de Ferro, a produção do Estado expandiu-se rapidamente” (Love, 1990, p.68).

A ocupação acelerada devido à ferrovia trouxe pessoas a procura de trabalho e oportunidades e empresários objetivando novos investimentos. Em 1910, outro trecho ferroviário foi instalado vindo de Jaú, construído pela Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais e fortaleceu ainda mais o crescimento econômico e populacional da cidade. Em duas décadas, a população passou de 7.815 habitantes para 35.000 habitantes. Nesse período, surgiu em Bauru serviços de água e esgoto, telefone, banco, cadeia, Coletoria Federal, time de futebol e hospitais (Losnak, 2004).

Segundo Love (1994), a região da Alta Paulista, onde Bauru está localizada, estava em um acelerado processo de desenvolvimento em função da chegada dos imigrantes para trabalharem na produção de café. A cidade de Bauru, antes de 1913, era o único município existente na zona, formada pelas linhas Paulista e Noroeste e por isso, representava grande importância e referência para os locais mais próximos. O café trouxe, no final do século XIX, uma nova fase de transformações e de crescimento econômico no Brasil. Em várias regiões do Estado de São Paulo, onde essas transformações eram sentidas com vigor, as cidades se urbanizaram, o comércio expandiu-se e o mercado ampliou-se. A instalação de estradas de ferro facilitou o transporte de mercadorias, a comunicação com a capital e influenciou na alteração da vida das pessoas através de avanços.

Além de facilitar o processo de urbanização de Bauru, a ferrovia atraiu pessoas com capital financeiro e dispostas a investir. Em 1905, apareceu o primeiro jornal bauruense: o *Progresso de Bauru*, pequeno e produzido semanalmente em Avaré. No ano seguinte, surgiu o segundo periódico: *O Bauru*, propriedade de Domiciano Silva, advogado, político e comerciante, que teve capacidade financeira para dar estabilidade ao jornal até 1908.

O crescimento no setor terciário, o desenvolvimento econômico da cidade e novas oportunidades de emprego trouxeram, além de mão de obra imigrante, novas perspectivas para os habitantes de Bauru. Segundo Losnak (2004), a produção que começa a ser gerada no setor terciário é apresentada como determinante no desenvolvimento econômico local e o município se destaca na região. Na década de 30, estava consolidada a base econômica da cidade e a quantidade de pessoas dispostas a investir aumentava. Foi nesse contexto que José Fernandes fundou em Bauru, no ano de 1931, o diário *Correio da Noroeste*.



## O Correio da Noroeste

Entre 1930 e 1935 o *Correio da Noroeste* era publicado diariamente, exceto nas segundas-feiras e apresentava sua distribuição e organização dos conteúdos de maneira regularmente fixa, com pequenas mudanças no padrão. As edições contavam com quatro páginas e em raras exceções seis, oito, dez ou até doze páginas (essas em eventuais ocasiões, como edições de aniversário ou outras datas comemorativas). As notícias eram distribuídas aleatoriamente conforme tamanho e disposição nas páginas. A capa seguia o formato das demais folhas, com a manchete principal acima de todas as outras matérias. Curiosamente, a manchete principal não continha texto ou maiores informações, mas apenas uma nota de um fato que havia ocorrido no exterior. O diferencial era o cabeçalho contendo o nome do jornal, do diretor, data e o número da edição, número da página entre outras informações adicionais sobre o próprio jornal.

O conteúdo era distribuído da seguinte forma, a primeira folha era dedicada principalmente à publicação de artigos, notas de acontecimentos nacionais ou internacionais. Em geral, o artigo era sobre a política ou economia nacional e tomava grande parte do espaço em relação às outras matérias. Na segunda página, constavam pequenas e diversas notícias além de notas que geralmente abordavam acontecimentos locais como festas, encontros sociais e lazer. Alguns quadros facilitavam o leitor na compreensão e busca de informações específicas tais como: Correio Forense, Correio Social, Registro Civil, etc. É nesta seção onde, geralmente, eram estampados os assuntos referentes à cidade e a região.

A terceira página dedicava-se quase sempre a informes públicos da prefeitura, divulgação de balancetes municipais e editais de convocação e falência e a outros quadros, como o Correio Esportivo, o Correio de Lins e Correio de Mato Grosso. Quando a edição continha seis páginas, era na quinta que constava os informes da prefeitura e se aumentava a publicidade das outras folhas. A quarta era praticamente exclusiva para anúncios e mantinha os mesmos por várias edições seguidas. A publicidade também ocorria nas demais páginas, mas quase sempre de maneira, discreta e sem organização. Os títulos das reportagens eram compridos e traziam muita informação. Em muitos casos, a própria linha fina também já resumia todo o conteúdo da matéria que, em muitos casos, apenas repetia a informação já transmitida na manchete.



O jornal não costumava usar fotos de pessoas ou outras imagens para ilustrar e complementar uma notícia. O *Correio da Noroeste* se destaca pela grande quantidade de textos e publicidade. Pequenas gravuras ou desenhos acompanhavam certos anúncios, como de carros ou eletrodomésticos, mas dificilmente havia uma foto da autoridade ou do local citado em uma matéria. A personalidade mais ilustrada certamente foi o presidente da república, Getúlio Vargas.

Apesar do padrão e organização de páginas e conteúdos que o periódico buscava seguir em relação às notícias, os assuntos referentes à sociedade local eram sempre publicados sem um critério definido. Desse modo, assuntos pessoais como dívidas, agradecimentos ou aviso de viagens de certas autoridades, ganhavam espaço no periódico, mas como não havia um padrão coerente, os conteúdos eram vistos muitas vezes em locais distintos em suas publicações. Isso dificulta o leitor, pois prejudica o processo de leitura diária, uma vez que, se certa matéria é de interesse do leitor, este demorará mais tempo para encontrá-la dentro do jornal. O *Correio da Noroeste* correspondia às características dos jornais que circulavam no fim do século XIX e suas folhas apresentavam atraso em relação aos jornais mais modernos localizados na cidade de São Paulo. Schwarcz (2001) aponta que os jornais entre o fim do século XIX e o começo do século XX eram extremamente localistas e isso fazia parecer que os assuntos tratados eram familiares aos leitores.

### **Aspectos Políticos**

Através da leitura do *Correio da Noroeste* entre o período de janeiro de 1930 até a data de abril de 1933, é possível afirmar que o jornal se caracterizava por privilegiar as notícias de cunho político, principalmente as matérias que interessavam aos lavradores da cidade de Bauru e região. Enfatizava diariamente que a nova política do governo Vargas ao apoiar a indústria era positiva, mas seus editoriais eram marcados pelo elogio à lavoura, “o verdadeiro caminho para transformar o Brasil em um país de destaque no cenário mundial”<sup>4</sup>.

Além dessa forma diária de dizer ao público do poder que a lavoura paulista ainda possuía economicamente sobre o Brasil, fazia parte da política editorial do *Correio da Noroeste* elogiar a lavoura através de colunas opinativas dos diretores do jornal, atualizando os congressos dos partidos da lavoura - principalmente o PRP e o

---

<sup>4</sup> Para onde? *Correio da Noroeste*. Bauru, 19 de ago. de 1931



PRM e notícias que citavam onde se encontravam personalidades importantes da região que movimentavam a agricultura.

No ano de 1931, durante todo o segundo semestre, o *Correio da Noroeste* publicou seguidas reportagens que criticavam o então Ministro da Fazenda, José Maria Whitaker<sup>5</sup>. Editoriais criticavam sua postura ao aumentar tarifas alfandegárias para o transporte do café, acusavam-no que sua política protecionista privilegiava apenas banqueiros e, aos poucos, o jornal começou a fazer campanha para sua demissão, até que em outubro de 1931, o ministro se demite da pasta da Fazenda. Segundo Caroni (1982), o ex-ministro tomou tal atitude, pois era contra a incineração das sacas de café, que entre os anos de 1928 e 1930 bateram recorde de produção e guiariam os cafeicultores ao desastre devido à crise de superprodução e o crack da bolsa de Nova Iorque, em 1929. A opinião contrária do ministro em relação aos lavradores, certamente não agradou o público leitor do diário e, conseqüentemente, gerou as críticas presentes em suas páginas durante esse período.

Através da leitura do jornal, podemos concluir que o público leitor do *Correio da Noroeste* era constituído, sobretudo, de pessoas ligadas à lavoura e à produção do café. Através dos avisos que eram publicados no jornal à população, é notável que as pessoas que consumiam o jornal, formavam a elite política e econômica bauruense. A Sociedade Beneficência Portuguesa<sup>6</sup>, a Associação Comercial<sup>7</sup> e o Clube Bauruense<sup>8</sup> - local onde ocorriam as festas, banquetes e bailes da cidade - publicavam freqüentemente em suas páginas avisos sobre festas, convocação para eleição de diretores e novos presidentes. Logo, é possível perceber que o *Correio da Noroeste* possuía grande público leitor também dentro da camada comercial da sociedade bauruense. Além disso, eram freqüentes as notícias sobre congressos do Partido Republicano Paulista, denotando a posição política a qual pertencia o jornal.

É possível perceber que o *Correio da Noroeste* defende a lavoura cafeeira após observar o grande número de reportagens e notícias que defendem o interventor federal

---

<sup>5</sup> A Obra do Sr. Whitaker **Correio da Noroeste** 06 set. 1931 p.1

Cedendo? **Correio da Noroeste** 08 set. 1931 p.1

A cidade que nunca tem estampilhas **Correio da Noroeste** 11 set. 1931 p.4

A política do Sr. Whitaker **Correio da Noroeste** 01 out. 1931 p.1

O Sr. Whitaker pediu demissão? **Correio da Noroeste** 03 out. 1931 p.1

O câmbio, o Banco do Brasil e o Sr. Whitaker **Correio da Noroeste** 06 out. 1931 p.1

Os políticos, os tenentes e o Sr. Whitaker **Correio da Noroeste** 17 out 1931 p.1

A propalada demissão dop Sr. Whitaker **Correio da Noroeste** 18 out. 1931 p.1

<sup>6</sup> Aviso **Correio da Noroeste** 21 mar. 1933 p.3

<sup>7</sup> Associação Comercial **Correio da Noroeste** 20 jan. 1933 p.4

<sup>8</sup> Carnaval **Correio da Noroeste** 07 fev. 1933 p.3



de São Paulo, Waldomiro Lima<sup>9</sup>, a partir de janeiro de 1933. As viagens feitas pelo interventor merecem destaque na cobertura diária, assim como as reuniões às quais comparece. Seu nome faz parte no elogio diário nos editoriais e sua agenda política é freqüentemente apresentada em forma de notícias e reportagens.

Caroni (1982) afirma que “na história do café, nenhum governo tomou tantas medidas a favor da cafeicultura como (...) os tenentes interventores João Alberto e Waldomiro de Lima” (Caroni, 1982, p. 29). O autor afirma que o interventor federal de São Paulo Waldomiro de Lima tentou, durante todo o seu período em que esteve no poder, tentar captar a simpatia dos cafeicultores, pois pretendia tornar-se candidato ao governo constitucional do Estado. Sua política consistia em buscar aproximação com todos aqueles que se opunham ao Partido Democrático, isto é, com o Partido Republicano Paulista, cafeicultores, tenentistas e o Partido da Lavoura. Waldomiro de Lima suprimiu impostos estaduais que incidiam sobre a exportação do café e também a taxa de emergência que era cobrada por saca. Segundo Caroni, “é devido aos seus esforços que Getúlio Vargas decreta a Lei da Usura e a Moratória de abril de 1934” (Caroni, 1982, p.33).

Nas páginas do *Correio da Noroeste* era publicado diariamente o *Correio Comercial*. Tratava-se de um quadro contendo as últimas informações sobre a cotação dos tipos de café no porto de Santos, bem como o valor do dólar do dia. Segundo Love (1982), isso era um dos elementos vitais no comércio do café, pois os produtores faziam seus cálculos do que exportavam em mil réis, entretanto recebiam, na maioria das vezes, em dólares, marcos, francos ou libras, isto é, moedas mais fortes. Isso, inclusive, fazia com que alguns exportadores pressionassem um processo de depreciação dos mil réis, para maximizar seus lucros. Entretanto, o governo era contra essa política, uma vez que tinha que financiar a dívida externa causada pelos empréstimos junto ao exterior com câmbios externos cada vez mais caros. O *Correio Comercial* - para um grande agricultor da região em que o *Correio da Noroeste* circulava - certamente auxiliava na troca de informações e na execução dos negócios do dia-a-dia.

No início da década de 30 é perceptível o surgimento de matérias que traziam informações sobre o plantio de algodão no Estado de São Paulo. Como o preço do café

---

<sup>9</sup> O General Waldomiro Lima não deixará o governo de São Paulo *Correio da Noroeste* 09 fev. 1933 p.1  
Visita do interventor a São Manuel *Correio da Noroeste* 13 fev. 1933 p.4  
Conferencias *Correio da Noroeste* 28 mar. 1933 p.4  
A moratória *Correio da Noroeste* 30 mar 1933 p.1



não apresentava perspectivas de melhora, os fazendeiros optaram por outras culturas. Segundo Love, “a exportação de algodão que representara 2% do total das exportações brasileiras entre 1925 e 1929, passou para 19% no período de 1935 a 1939” (Love, 1982, p.79).

Esse aumento exponencial é refletido em algumas matérias no *Correio da Noroeste*. Em uma reportagem da data de 19 de fevereiro de 1933, o jornalista afirma que pretende, através do artigo, provar porque o estado de São Paulo contribui de forma superior para o crescimento do Brasil. Ele cita como exemplo, que o consumo de algodão no país em 1932 foi de 90 milhões e meio de quilos e que o Estado de São Paulo consumiu um terço deste valor. Em outra reportagem, esta do dia três de março do mesmo ano, o *Correio da Noroeste* trás a informação de que no ano de 1932 o estado exportou 1.925.552 quilos de algodão.

Caroni afirma que “a intensificação da cultura algodoeira mostra a crise do sistema cafeicultor” (1982, p.51). O autor afirma que em dezembro de 1932, 651 fazendas do estado de São Paulo estavam hipotecadas, o que deixa claro o por que do jornal privilegiar informações que traziam boas notícias para o setor que, em crise, sofria com as dificuldade econômicas, o aumento do desemprego e a queda dos salários e da produção.

Após a Revolução de 30 e a queda do PRP, segundo Love, “pela primeira vez na história, as oligarquias agrárias compartilham poder com a classe média” (Love, 1982, p.162), representada pelos tenentes. Dessa forma, em um plano federal, Getúlio Vargas e seu ministério passam a representar os interesses das oligarquias, enquanto nos estados, os tenentes se apossam do poder executivo, caso de Waldomiro Lima (interventor federal, em 1933) e Sebastião Lins (prefeito entre 1932 e 1933). O poder não estava mais concentrado nas mãos de um único partido e outras agremiações políticas começaram a surgir.

Segundo Caroni (1982), em São Paulo, o Partido Democrático era o único partido que se manteve após a revolução de 1930, porém a luta contra o tenentismo resulta na reorganização do Partido Republicano Paulista, em 1932. Devido ao momento em que seriam votados candidatos para a Assembléia Constituinte em 1933, é possível notar o destaque que o *Correio da Noroeste* destina a novos partidos que surgem, tais como o Partido da Lavoura, o 25 de Janeiro, o Partido Liberal Paulista, o Partido Socialista, além dos de tendência tenentista, integralista e proletária.



Caroni afirma também que se “forma um panorama político bem mais complexo que o existente na primeira república, pois, agora, a realidade partidária se amplia em três frentes” (1982, p.189). A primeira constituía as oligarquias agrário-burguesas que ainda exerciam certa dinâmica política local representadas pelo PD e pelo PRP. Existiam também pequenos segmentos oligárquicos, agora aliados a grupos da pequena burguesia tenentista que fundam o Partido da Lavoura e o 25 de janeiro, que estão ligados a segmentos da pequena burguesia e à Ação Integralista Brasileira. Por fim, há o operariado que está ligado ao Partido Comunista ou faz frente única com segmentos da pequena burguesia e lutam no Partido Socialista Brasileiro.

As notícias baseavam-se na divulgação de núcleos locais que foram fundados em Bauru e nas cidades da região, tais como Presidente Alves, Garça e Penápolis, convocação para eleições dos partidos, existência de Congressos e reuniões dos partidos em São Paulo, informativos de manifestos à população e discussões em torno da mentalidade e programa do partido.

É possível detectar em suas folhas o conflito existente entre os lavradores e o governo federal. Com a mudança do Instituto Nacional do Café, para Departamento Nacional do Café, segundo Caroni (1982), a direção administrativa desse órgão passa das mãos do Estado para o Governo Federal. Agora, a Federação é quem indicava os três nomes que representariam a diretoria da instituição, ou seja, Getúlio Vargas controla os preços do café, pois como chefe do Governo Provisório, passava a ser o maior comprador e vendedor do produto no Brasil.

Diversas notícias deixavam transparecer certa insatisfação dos agricultores e o governo Vargas. No dia 23 de março de 1933 a reportagem apresenta a informação de que após a determinação do Departamento Nacional do Café de comprar café por um preço abaixo do mercado, o Instituto de Defesa do Café fez um pedido de reconsideração, uma vez que os preços eram inferiores aos que o café estava alcançando.

Uma tecla na qual o *Correio da Noroeste* também bate politicamente é a questão da criação de uma Constituição para o Brasil. Após a revolução de 30, a demora para colocar o país dentro de uma norma Constitucional incomodou setores liberais paulistas da sociedade, os quais iniciaram imediatamente campanha para pressionar o governo, a fim de restabelecer os paulistas no poder.

Reclamações contra a constante troca de interventores no Brasil não agradava aos jornalistas, que cobravam estabilidade política, o que, segundo eles, afetava



imediatamente o setor econômico brasileiro e sua imagem no exterior. Reportagens diárias e principalmente os editoriais insistiam em afirmar que a Constituição era necessária para recolocar o país no caminho do desenvolvimento.

Como era um jornal que defendia a noção de progresso associado à prosperidade econômica e social e, conseqüentemente, defensor da ordem pública, o *Correio da Noroeste* prezava pela elaboração de leis para o país que, no momento, segundo José Fernandes em um de seus editoriais, iria culminar politicamente em uma ditadura, uma vez que não havia Constituição para frear qualquer tipo de decisão que não favorecesse o país.

Ademais, durante a década de 30, segundo Love, “não havia mais dúvidas que os impostos interestaduais representavam um grande obstáculo à expansão paulista” (1982, p.272). Eram cobradas taxas sobre todo o café que saía do porto de Santos para outros portos, inclusive para o próprio país. Este obstáculo ficou ainda mais evidenciado a partir do momento que São Paulo começou a apresentar excesso de exportações em relação às importações em relação as demais unidades da federação.

A Constituição de 34, segundo Love, “limitou a 10% *ad valorem* a taxa que os governos estaduais teriam direito de cobrar sobre o que se exportava para os demais estados” (1982, p.272). Os paulistas, através da Constituição, neste caso, conseguiram impor seus interesses e não mais dependeriam da vontade de Getúlio Vargas para abaixar um possível aumento de impostos. Após a passagem do Instituto Nacional do Café para as mãos do governo federal, através da criação do Departamento Nacional do Café, os cafeicultores paulistas perderam, por completo, o poder de negociação sobre os preços do produto e, por isso, o destaque diário na cobertura do jornal aos seus candidatos e partidos eram tão enfáticas. Uma vez que conseguissem colocar um candidato que defenderia a lavoura para votar na Assembléia Constituinte, quando completa, a Constituição favoreceria os agricultores, como, por exemplo, neste caso citado

O *Correio da Noroeste* insistia na questão de que Bauru era uma cidade na qual o progresso florescia. A idéia de progresso, segundo o jornal, está associada a obras públicas, principalmente ligadas à infra-estrutura da cidade como, por exemplo, a ferrovia, rodovias, pontes e indústria.

Em reportagem do dia dez de fevereiro de 1933, o jornalista elogia o General Waldomiro pela ação de construir uma grande estrada de rodagem através da alta paulista. O jornalista, através da reportagem, faz um apelo ao governo ao afirmar que



seria muito importante que fosse construída uma estrada que partisse de Bauru e passasse pelos municípios de Presidente Alves, Pirajuí, Cafelândia, Birigui, Promissão, Penápolis e Araçatuba. Pede também outra rodovia que partisse de Pirajuí e se dirigisse a Porto Ferrão, Tietê, Catanduva e Rio Preto. Afirma que uma terceira rodovia, se construída partindo de Pirajuí rumo Iacanga, Ibitinga e Araraquara alavancariam o progresso na região.

O início das atividades da Companhia Metropolitana em Bauru, uma empresa que administraria o dinheiro público, é também associada à noção de progresso, pois a Companhia, através de financiamento, auxiliaria o bauruense a conseguir obter a casa própria. Entretanto, é possível notar que algumas notícias contradiziam a imagem que o jornal visava passar ao público. Em uma reportagem do dia 23 de março de 1933, um aviso da prefeitura à sociedade informava que havia, há 15 dias, quatro cabras no Depósito Municipal. Afirma que elas foram encontradas vagando pelas ruas, o que fornecia ao proprietário o prazo de 10 dias após primeira publicação do edital para retirá-las.

Certamente, o *Correio da Noroeste* está entre os periódicos que se destacaram em Bauru. Além de ter sido o terceiro jornal diário que surgiu na cidade (os dois primeiros foram o *Correio de Bauru* e o *Diário da Noroeste*), ser composto por quatro páginas, ele foi fundado pelo jornalista José Fernandes que iniciou sua carreira na década de 20, trabalhou em jornais de Rio Claro e escrevia frequentemente no *Diário da Noroeste*

A partir de 1932 o *Correio da Noroeste* alterou suas características e passou a priorizar aspectos políticos em detrimento dos sociais. Neste mesmo ano, o jornal *O Estado de São Paulo* assumiu posição favorável à Revolução Constitucionalista. Recíproco à opinião do diário paulistano, José Fernandes acreditava que a política centralizadora de Getúlio Vargas significava uma guerra contra os paulistas. Prova disso é o seu alistamento aos batalhões para lutar no front contra as tropas getulistas.

Por meio dessas observações, é possível perceber o papel que o *Correio da Noroeste* possuía em Bauru como agente social, discutia a política estadual e nacional e a veiculava dentre os leitores locais, posicionava-se e buscava atualizar a sociedade local aos acontecimentos contemporâneos.

## **Referências bibliográficas**



- ALMEIDA, G. T.. **Imprensa do interior: um estudo preliminar**. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado, 1983
- BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**. História da Imprensa Brasileira. v.1. São Paulo. Ática, 1990.
- BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. 4ª edição. São Paulo. Editora Ática, 1990
- BARBOSA, M. **A História Cultural da Imprensa**. Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro. Mauad, 2007.
- BELTRAO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre. Sulina, 1980
- BRESCIANI, M. S. As sete portas da cidade. **Espaço & Debates**, São Paulo, n. 34, p. 10-15, 1991.
- CAPELATO, M.H.R. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945**. São Paulo. Brasiliense, 1989.
- CAPELATO, M.H.R.; PRADO, M.L.C. **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal “O Estado de S. Paulo”. São Paulo. Alfa-Ômega, 1980.
- CARONI, E. **A República (1930-1937)**. São Paulo. Difel, 1982
- CASTRO, R. **O Anjo Pornográfico**. São Paulo. Companhia das Letras, 1992
- COSTA, C. **Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004**. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.
- CRUZ, H. de F. **São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.
- DARNTON, R. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: **O Beijo de Lamourette**. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo. Companhia das Letras. 1995, p.70-97
- LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- LOSNAK, C. J. **Polifonia Urbana**. Imagens e Representações – Bauru 1950-1980. Bauru: Edusc. 2004.
- LOVE, J. **A Locomotiva**. São Paulo na Federação Brasileira 1889-1937. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1982.
- MARTINS, A. L. ; LUCA, R. ; **História da imprensa no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2008.
- MEDINA, C. **Notícia: um produto à venda**. 2 ed. São Paulo. Summus Editorial, 1988.
- MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis. Vozes, 2003.
- MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo. Editora Hucitec, 1984



MUNIZ, S.; FERRARI, M.H. **Técnica de Reportagem Notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo. Summus, 1986.

NOBRE, F. **História da Imprensa de São Paulo**. São Paulo Editora Dições Leia, 1950.

PELEGRINA, G.R., SERRA, N. do N. **Imprensa, um poder sempre vigilante**. Encarte do Jornal da Cidade. 04/10/87.

RIBEIRO, J. C. **Sempre Alerta**. Condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ROLNIK, R. **A Cidade e a Lei**. Legislação, Política Urbana e Territórios na cidade de São Paulo. 2. ed. São Paulo. Studio Nobel/Fapesp., 1999.

ROLNIK, R. **O Que é Cidade**. São Paulo. Brasiliense, 1988.

SCHWARCZ, L. M. A Imprensa Paulistana In: **Retrato em Branco e Negro**. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

SILVA JUNIOR, J. A. da As Concepções do Jornalismo Digital na Cibercidade. Disponível em < <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1579.html>>. Acesso em: 12 jun 2009.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro. Mauad, 1966.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis. Insular, 2005.